

# Homenagem a Luís Nascimento (1973 - 2022)

**Pedro Paulo Pimenta**

Universidade de São Paulo (São Paulo, Brasil)

Na trajetória filosófica de Luís Nascimento, abreviada de forma trágica em julho último, às vésperas de completar 49 anos, Kant sempre teve um lugar privilegiado. Nunca se definiu como kantiano, mas fazia questão de voltar a Kant, e, em suas intervenções, de chamar a atenção de seus colegas – primeiro, estudantes, depois, professores – para o que era devido a Kant, mesmo que a Crítica não estivesse em pauta. Se digo “a Crítica”, é porque o Kant de Luís, mote de reflexão mais que de filologia, começava em 1781 e se encerrava com a Crítica do Juízo – com uma abertura, em anos mais recentes, para as Observações sobre o sentimento do belo e do sublime, em uma ponta, e, na outra, para a Antropologia. Visão restrita, diriam alguns, estreita, acrescentariam outros. Com isso, no entanto, perde-se de vista o que realmente importa em uma postura como essa, a ideia de que um filósofo e seus escritos estão aí para ser lidos e interpretados, o que exige duas qualidades que nunca lhe faltaram, a inteligência crítica e a disposição à reflexão. Com perspicácia e discernimento, Luís encontrava em Kant o discípulo de Rousseau, o precursor de Fichte, um romântico avant la lettre, um esteta de sensibilidade singular, e muitas coisas mais. Quem lhe recusaria a pertinência desses achados? Sua morte prematura nos privou de um interlocutor privilegiado, que era, além disso, um amigo exemplar.